

# O Início da Narrativa de Abrão

## Exegese à luz da América Latina

### de Gênesis 12,1-4a

Fabio Py Murta de Almeida<sup>1</sup>

#### RESUMO

*Gostaria-se de ler Gênesis 12,1-4a, narrativa nitidamente javista, sobre novos coloridos. Não como simplesmente uma perícopes pré-estatal símbolo da monarquia, nem simplesmente como produto dos sacerdotes do pós-exílio. Mas sim ao lê-la, entendê-la como fruto dos suspiros das populações desguarnecidas pelas mudanças político-econômicas ocorridas nos anos Judéia. Gente que buscava expressar sua insatisfação com tais mudanças através do codinome Abrão.*

*Palavras-chaves: javismo, povos da terra, estrangeiros (golah) e resistência.*

#### ABSTRACT

*The text of Gênesis 12,1-4a is classically described as **javist** narrative formed by the people of the Jewish land. In this piece of text given by **Javé**, there is a searching to recognize through the exegetical cunning the critical speech preached by the people deducted for the times of the judaism. More than that, in this space there is an intention to think the about the **javist** writing on the 6th Century B.C., made by the people of the land after the arrival of the exiled ones in the **Judah**, and which is their intension on this.*

*Key-words: javism's, people of the land, golah and resistance .*

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), membro da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB), e colaborador da Bibliografia Bíblica Latino Americana (BBLA).

Ler Gênesis 12,1-4a é um desafio. Não só por que se consolidou como uma narrativa da estirpe do primeiro livro do cânon judaico-cristão, mas porque nesse fragmento de texto, as poucas e curtas palavras atravessaram os tempos. Retêm-se nelas formas semânticas que os anos não puderam interditar, e apenas pode-se relê-las e significá-las nas novas ordens sociais (Gramsci, 1989). Por isso, sem dúvida, são palavras fabulosas, palavras nas quais a vida é expressa.

Punhos são seus responsáveis, mesmo porque, dificilmente uma só mão poderia ritmá-las nos sentidos da vida. Nesses parâmetros sustenta-se que parte desse texto ocorreu por conta do impacto das cidades sobre a vida dos homens seminômades. E seu fechamento teria sido enquadrado na chegada dos exilados em Judá fruto da dominação persa sobre a Judéia<sup>2</sup>. Nessa via, sugere-se que a escrita do texto teria ocorrido pouco antes da redação final do Pentateuco, redigida pelos sacerdotes do Segundo Templo. Assim, Gênesis 12, 1-4a foi cuidadosamente medido e escolhido, numa confecção que a pesquisa do Antigo Testamento consolidou como períclope, ou mesmo, como narrativa já vista<sup>3</sup>.

Neste espaço, o apego será junto às “partes”. Incentivo dado por Gerhard von Rad num de seus comentários sobre Gênesis, quando diz “Depois que nós entendemos a diversidade das fontes, não podemos vislumbrar o todo antes de conhecer exatamente as partes” (Cusemann, 2003.p.33). Mesmo que a pesquisa afirme cada vez mais o abandono de tal método, nesse espaço, se aproveitará o seu impacto. É que se pinçasse mais uma parte do v.4, o v.4b, o texto pertenceria aos sacerdotes da fonte P<sup>4</sup>.

Foi importante limitar Gênesis 12,1-4a, por que nele se manifesta o interesse popular, grupo contrário ao império que prega seu sítio na própria terra. Exatamente como fizeram conosco aqui da América do Sul, na América Central e no Caribe desde nossa formação, neles (judeus remanescentes)

<sup>2</sup> Ao nível de datação utilizou-se Blum, 1984, p. 348-359.

<sup>3</sup> Cf. em Westermann, 1975, p.200-205, von RAD, 1986, p.158-163, e especialmente Brueggemann e Wolff, 1986, p.35-68, quando colocam Gênesis 12,1-4a como produto javista. Hoje, estudiosos como Ska, 2003, p.103-105, Roemer, 1991, p186-190, Gese, 1991, p29-51, Nocquet, 1997, p.35-53, Brodie, 2001, p.217-227, a consideram como de origem sacerdotal. Nesse texto seguimos os trabalhos de Claus Westermann e de G. von Rad.

<sup>4</sup> Desde o célebre trabalho de Gunkel, 1969, p.167-250, há de se distinguir tais partes em Gênesis.

e nós (Latino-Americanos) suas rimas buscam afligir os colonizadores. Denuncia esta que há de ser entendida pela exegese bíblica focada pela hermenêutica latino-americana, afinal de contas, certas frases só podem ser compreendidas de dominado para dominado, de pobre para pobre e do povo para o povo. As elites não percebem. Elas não se interessam. Fazem pouco dos marginalizados.

Nestas circunstâncias, esta meditação será relevante, pois apresentará caminhos entre os quais poderemos hoje dialogar com os americanos, com os canadenses, europeus e etc. Ler Gênesis 12, 1-4a pelo terceiro mundo é isso; um fomento de como maquirar contra a espoliação dos exploradores. A seguir, definhamos a exegética, primeiro localizando a temática da perícopos no livro de Gênesis para depois se propor uma tradução do texto. Dessa forma se poderá aos poucos clarear o texto em seu contexto histórico-social.

## **1. A LOCALIZAÇÃO**

Gênesis 12,1-4a é o início das sagas matriarcais e patriarcas bíblicos. Formaliza-se dentro de Gênesis como “abre-alas” na qual se indica a forma que irão comportar as matriarcais e os patriarcas em todo o livro – introduzindo a história das Saras e do clã de Abrão amordaçados em Gênesis 12-25<sup>5</sup> -, como também finaliza as narrativas da pré-história em Gênesis 1-11. Seu tema é a “terra”, que mesmo em tão poucas frases aparece três vezes e, pelo menos, em duas formas distintas. As duas primeiras, ambas presentes no v.1, significam “terra”, “propriedade” (hebraico: *‘aretz*), e a terceira ocorrência, no v.3, por “terra” entendemos como “terra cultivável”, “roça”, “chão” (hebraico: *adamah* - Crusemann, 2003, p.52).

O pedaço de texto em questão faz parte de um bloco temático que decorre desde o capítulo 11,27 indo até a parte Gênesis 12,10. O bloco posterior de Gênesis 12,10-20 priva o direito da mulher, silenciando-a. E, superando o capítulo 12, volta a questão da “terra”, no capítulo 13. Detalhe é que o capítulo 13 introduz os capítulos 18 e 19, sendo que esses três capítulos, a relação é visível (Schwantes, 2001.p.81).

---

<sup>5</sup> *Sobre a questão do silêncio das vozes femininas em Gênesis cf. Brenner, 2000.*

## 2. O TEXTO

Na tradução buscamos diferenciar os v.1 e 4a, dos v.2 e 3. É que os v.2 e 3 têm repetições nítidas de idéias, formulação da poética hebraica (Schwantes, 2005, p.1361-1369). E os v.1 e 4a, o vocabulário é mais pobre, quase um conjunto de frases nominais, formando então prosas (Eissfeldt, 1969, p.44-60). Assim, segue a tradução do texto bíblico na forma literal, logo após essa tarefa, detalharemos o tipo social de texto de Gênesis 12,1-4a.

[1] E então, disse Javé a Abrão: Sai para ti da tua terra, da tua parentela, da tua casa paterna (e vai) para a terra que eu te farei ver.

[2] Farei-te para grande nação,

e te abençoarei

e farei grande o teu nome.

Tornas-te tu uma bênção!

[3] Quero abençoar aqueles que te abençoaram

E os que te humilham os amaldiçoarei.

Serão benditas em ti todas as famílias da terra!

[4a] Saiu pois, Abrão como lho ordenara Javé, e Lot foi com ele.

## 3. A FORMA

Se antes já foi dito que o lema do texto é a “terra”, a tradução feita nos deixa este detalhe ainda mais latente. Bem como, também na tradução deixamos mostras das quebras, rachas e fissuras do texto. Isso porque de uma frase repleta de verbos, de repente se descamba para a magreza de verbos e de ações, fato que demonstra a longa formação do texto.

Mesmo assim, o texto se enquadra em uma parte, que normalmente chamamos de saga bíblica, tipologia na qual se descrevem os mitos da origem do povo junto à linguagem do nomadismo dos povos. Entretanto, Gênesis 12, 1-4a não aparenta ser só esse o caso. Não é constituído apenas de um gênero literário, mas antes, dois<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> *Para articulação dos gêneros literários cf. Schwantes, 1986, p.32-36. Ainda, Bruegeemann e Wolff, 1986, p.35-68 se omitem em relação aos gêneros literários no entanto, admitem o texto como um bordão da obra escriturítica javista.*

Na pesquisa sabemos que Gênesis 12,1-3 seria formado por uma promessa bíblica dada por Javé, sem quaisquer cenários indicadores históricos vivenciais no texto, principalmente nos v.2-3. E, o outro gênero encontrado em Gênesis 12, 1-4a, é o itinerário. Formalizado no último versículo da série, o v. 4a. Nele, se destacam os clãs, suas peregrinações, e seus pontos de passagem nas andanças. Para os seminômades, o itinerário é um saber prático que dá sentido a suas vidas.

A proximidade dos dois gêneros literários expressos nos versículos deve ter sido obra dos redatores de Gênesis 12,1-4a. É que nos primeiros versículos indicamos as palavras, as ordens nas promessas de Javé, e por outro lado, no último versículo (v.4a) Abrão segue a ordenança. Literalmente no v.1 Javé fala com Abrão, e no v.4a, Abrão segue (“parte”) como “Javé lho ordenará”. Por isso, acreditamos que os versículos se completam fechando uma mensagem, e incluindo palavras e conteúdos no seu interior.

Agora, a crítica literária do Antigo Testamento costumou chamar o fragmento de perícopo (Schwantes, 1986, p.16-17). Uma parte que só tem sentido por causa de duas partículas *va* e *ve*, traduzidas por *e*, que funcionam como ligaduras entre as orações e as frases da perícopo bíblica (Gesenius, 1963, p.32-46).

São tão comuns no texto hebraico, mas para tanto, importantes, pois sobre elas recai a conformidade temática e estilística no discurso bíblico. Aliás, por dizer que um trecho é uma prosa, e outro é poesia, que no passo abaixo se destacará a compreensão formal dessas partes do texto versículo por versículo.

### **3.1. O v.1**

O v.1 é uma promessa. Traz nele palavras de Javé em tom de ordens a Abrão. Nesse sentido de ordens, o versículo é, sobretudo dinamizado pelo verbo “sair” (Raymann, 2002, p.54). Uma ordem na qual detalha a retirada de Abrão da sua terra. Os v. 2 e 3, as diferenças são patentes em relação ao v.1, neles diferentemente do v.1 (do 4a também), seus autores sabiam construir poesias, portanto sabiam repetir idéias. No v.1, não. Mesmo sendo uma promessa, o versículo é pobre na repetição de idéias, no máximo há nele uma prosa elevada, por isso batizou-o de promessa em prosa.

### 3.2. O v.2 e o v. 3

Está claro que muito mais que simples versos soltos, a extensão do v.2 até o fim do v.3 tem-se um poema. Poema esse, formado basicamente de duas estrofes. A primeira estrofe tem quatro versos, onde seus três primeiros indicam (apontam), abrindo caminho para o último. Os três se relacionam com o quarto verso. Relações sinônimas entre tais primeiras partes que se constrói para que um grupo se torne (“torna-se”) “uma bênção!” para todos da Judéia. Inicialmente, o texto diz se fará (“faça-te”) “para uma grande nação”. Não se fará para eles mesmos, mas para uma nação grande.

No segundo verso, esse grupo será abençoado como mostra o texto e te abençoarei, um termo ligado a sanção do reinado (do império) frente ao grupo. E, o terceiro ponto (no terceiro verso) é seqüencial, pois depois de terem sido formados para a “nação”, e terem tido a concessão do rei (“bênção”), eles têm seu nome “engrandecido” como diz o verso, e “farei grande o teu nome”. Assim, o quarto verso fecha a primeira estrofe, articulando o conjunto da estrofe. Ele fecha a mensagem destacando por tudo dito atrás que esse grupo tornar-se-á uma bênção (traduzido por: “Tornas-te tu uma bênção!”).

“Bênção” que é retomada na segunda estrofe logo no seu primeiro verso. Fato que dificulta a idéia de que possivelmente as estrofes teriam diferentes tradições (Crusemann, 2003, p.34-49). Devem pertencer a mesma problemática social. Aliás, se está na estrofe final do poema que tem ao todo três versos, sendo que os dois primeiros introduzem o último verso. Os dois primeiros versos parecem teologizar a antiga lei do talião de Êxodo 21. O trabalho do autor bíblico é sensacional! Pois ele relaciona versos métricos, que isoladamente são sinônimos, mas entre si, são antíteses.

Analiticamente os dois versos primam pela bênção para aqueles que “te abençoam” e a maldição (“humilhação”) àqueles que os maltratam e amaldiçoam. Essa poética teológica a partir da lei de talião, é encerrada pelo ato de “abençoar em ti, todas as famílias da terra” no último verso. Pensando um pouco no conteúdo, o grupo receptor de tal mensagem tinha de abençoar e não maltratar, pois assim, poder-se-ia abençoar todas as famílias da terra resumindo o poema. Nessa cantoria, primeiro se descreve um grupo que foi feito para uma grande nação, com batuta do rei que deveria se tornar uma bênção.

Por eles, os povos da terra só seriam abençoados se abençoarem, como também amaldiçoados se amaldiçoarem, sobretudo porque tinha que bendizer todas as famílias à terra. Terços em versos muito bem ritmados. Só verdadeiros poetas o sabiam fazer. Beleza, ritmo, cadência, e acima de tudo, cuidado nos versos são algumas de suas marcas. Fato averiguado também nas poucas indicações de cenário dos versos, que em vez disso, primam a teologia diferentemente da primeira parte da promessa, isto é, do v.1. Então, o porquê disso? Que pessoas seriam estas, emissárias de uma grande nação? E qual era o grupo que só iria abençoá-los se eles os abençoarem? Resumindo as perguntas: quais seriam os proponentes e os *actantes* dos versos? A seguir, após a forma do v.4a se começará a dar palpites sobre a construção desses lindos versos, buscando-se responder tais perguntas.

### 3.3. O v.4

Finalizando a forma, o itinerário do v.4a. Voltamos às palavras dos pastores, que pelo visto tem Abrão como servo de Javé. Junto a isso, o verbo sair reaparece por consequência da ação de Javé junto ao pessoal de Abrão. É verdade. O mesmo tronco verbal (“sair”) volta a aparecer na medida ao relacionamento entre Javé e Abrão. Detalhe que esse verbo, o nome “Abrão” e o tetragrama de “Javé” dão à *inclusão*<sup>7</sup> a perícope bíblica da promessa abramica. São três palavras que se contorcem entre si limitando o texto. Uma alternância muito interessante vista como se no primeiro versículo “Javé” chega a “Abrão” usando o verbo “sair”, e no segundo momento, o verbo “sair” chega a “Abrão” por “Javé”. Sugere-se assim a estrutura com base nessas palavras:

v.1 – “Ora e disse **Javé** a **Abrão** : **Sai** por conta da tua terra”  
(...) v.2.....v.3(...)  
v.4a – “ **Saiu** pois, **Abrão** como lho ordenara **Javé** , e Lot foi com ele”.

As palavras se trocam, entrecruzando a fala de Javé e o acolhimento da saída de Abrão pela palavra do Deus. Uma elaboração sensível do povo do

<sup>7</sup> Usa-se termo *inclusão* para dizer que uma determinada estrutura inicia e finaliza uma perícope. Um termo técnico, da ciência vetero-testamentária para designar os contornos delimitadores das pregações bíblicas, cf. para isso LOPEZ, 2005, p.43-59.

pastoreio, assimilada pelos poetas anciãos do pós-exílio. Fórmula típica dos clãs de pastores que às cegas obedecem a voz de Javé, e o seguem.

Nesse laborioso esquema disfarçado de itinerário (Westermann, 1975, p.145), mostramos detalhes sobre o pastoreio semita, nesse caso sem dúvida ,seria a exemplificação do elo consangüíneo de Lot junto a Abrão. Grupos que pelo leve assoviar na voz de Javé o seguem. Muito mais que um simples objeto de fé, mas sim um ato-símbolo de insatisfação com a situação, tanto que mesmo com o tom ordenativo ,eles se submetem e vão.

Após a definição de Gênesis 12,1-4a como uma perícopes costurada entre a promessa de Javé (v.1-3) e o início do itinerário feito pelo grupo de Abrão (v.4a), passamos aos limites históricos da perícopes, ponto em que começaremos a responder as questões atrás percebidas na forma dos v.2 e 3.

#### 4. A HISTÓRIA

Os textos do livro de Gênesis exigem uma leitura minuciosa dos estudiosos. Isso ocorre por que seus escritores e redatores não tinham preocupações com datas, fontes e intuítos (Schwantes, 2001, p.81-92). Poderiam até ter tais preocupações, mas os momentos não lhes permitiam expressa, os nomes e suas fontes (Geertz, 2001, p.124-130).

Ora, pode até ser que tais contos da vida de Abrão seriam originários de 1500 a 1200a.C., mas seus movimentos de escrita teriam ocorrido primeiro junto a vivência dos impérios, lá junto ao povo de Judá no reinado Judeu, e sua conclusão teria acontecido entre os judeus remanescentes, no império persa (Vogles, 2000, p.16-62). Em ambos tempos, era melhor escrever textos que lembravam a vida dos antepassados, nesse caso a vida de Abrão, pois se lá estivesse o nome dos revoltosos, a repreensão seria sólida, incisiva e violenta. Épocas das ditaduras e dos impérios, como nós latino-americanos bem o sabemos<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Milton Schwantes tem uma vasta literatura sobre a exploração dos impérios e os textos bíblicos. Ele vai no ponto em 1987, quando escreve Sofrimento e Esperança no Exílio: história e Teologia de Deus no século VI a.C. (p.13-131), na obra ele relaciona a vida dos remanescentes no exílio babilônico a repreensão vivida durante toda a história e formação dos países Latino-Americanos. Para memória desses insubordinados cf. o teórico da memória social Halbwalchs, 1997, p. 93-94.

A utilização de nomes significativos do passado funciona como um dado psicológico, do qual ao invés de usar nomes de simples pessoas vivas, usavam-se os arquétipos, os antepassados, os mitos. Deviam pensar: fazemos assim como Abrão e assim como Moisés fez no Êxodo! (Croatto, 2001, p.301-319). Assim, levantar tais narrativas, faz sentido na forma de protesto, de resistência popular, e de denúncia à exploração. Formavam um valoroso círculo mítico hermenêutico, onde se levantavam contos dos 15° a 12° séculos, reutilizados nos tempos do reinado judaico e no tempo persa. Valorosas tradições recorridas em lindos textos de combate à exploração.

## **5. OS PORTADORES**

Como já foi dito, parte de Gênesis 12,1-4a deve trazer cadências dos clãs nômades, lá do século 12 a.C. Assim, o primeiro levante de escrita deve ter abarcado os séculos 10° e o 9° tempo das monarquias em Israel, como assinala Milton Schwantes (1986, p.45-50). Era o início do reinado – no período dos monarcas Davi e Salomão. Início que se deve não aos partidários dos reis ou das elites monárquicas, mas antes pertenceria aos descontentes com as monarquias. Eles que viviam em clãs, não se enclausuram nas cidades, mas vivia a margem dela. A propriedade pouco os seduziam. Eles avistavam os planaltos, viviam nas campinas, e sobretudo, faziam-se como agentes demonizadores ao redor das cidades, lutando para agregar insatisfeitos e discriminados nas cidades (Vaux, 1973, p.34-78).

E assim, o fim do texto teria decorrido da volta dos exilados no pós-exílio (no 6° século), período persa, próximo a junção dos blocos das narrativas de Gênesis 12-25 (Schwantes, 2001, p.85). Fora uma pregação resignificada pelos anciãos cantores que ficaram na terra de Judá. Grupo que pela característica agrária teria até já trabalhado temporariamente nas terras babilônicas, na lida e plantio. Gente responsável em parte pelos provérbios, lamentos e salmos do exílio, e que sem dúvida tinham familiaridade com os versos, justificando a beleza, clareza poética da articulação encontrada nos v.2 e 3 da perícopes (Donner, 1997, p.434-438).

Eram contrários a qualquer dominação imperial, pois sentiram drasticamente a dor do abandono e negligência no império Babilônico, chegando a viver uma completa miséria na palestina do século 6°. Mesmo assim, não se entregavam, lutavam com suas vidas pelo pouco que lhes sobrou, desde

o desastre da destruição da invasão de Nabucodonozor, com as queimadas e devastação das suas lavouras (Liverani, 2003, p.211-245; Finkelstein e Silvermann, 2003, p.398-412). Finalmente, a tese aqui é que, tais cantores populares, membros do povo da terra, teriam cantarolado tais versículos (v.2 e 3) para em linguagem bem sorrateira (sem descrição de cenário), pudessem descrever os judeus que retornavam da Babilônia (*golah*). Cantou-se de vila a vila, de tribo a tribo, quem eram aqueles sujeitos que estavam agora habitando suas terras (“memórias perigosas” – Halbwachs, 1997, p.91-101), e em nome de quem eles vinham para cá.

Logo após, em vistas de facilitar a passagem da mensagem do canto, ele foi anexado junto a chamada de Abrão encontrado hoje no v.1 e 4a, formalizando-se como perícopo (Schwantes, 1986, p.30-32). Agora, passa-se pois, a exemplificação dos versículos do texto no bojo de seu contexto original. Para fins didáticos, se buscará primeiro comentar os versículos mais antigos (v.1 e 4a), para que depois se comente a poesia dada nos v.2 e 3.

## 6. O CLÃ DE ABRÃO (V.1 E 4A)

No período dos primeiros reis judeus se vive sobre o “pó” das construções citadinas, pois em Judá, ocorrera em comum a acessão da monarquia e a fixação das cidades (Schwantes, 1986, p.45-50). Conseqüentemente e sociologicamente, as cidades fixam o homem, juntando rapidamente uma massa de pessoas em busca do que fazer ao redor. Daí, formam-se as cidades, que impreterivelmente agregam pessoas próximas, com interesses comuns, guiadas por fatores naturais, geográficos e econômicos. Portanto, nesse sentido a cidade oferece tudo ao seu homem, desde comida, moradia, até casamentos. Evitando o deslocamento humano.

Detalhe é que tais construções não respeitam os ciclos da Lua e do Sol, importantes à vida peregrina dos pastores<sup>9</sup>, na medida em que se ocupavam os melhores locais, próximos a rios e às fontes d’água. Assim sendo, o v.1 e o v.4a a voz é dos seminômades, que se identificam como Abrão, para evitar problemas com a cúpula monárquica. Mobilizavam o símbolo Abrão buscando enfraquecer o sistema que vigorava pregando para cidadãos que tinham problemas com o sistema monárquico. Nesse contexto profético chega à palavra

---

<sup>9</sup> Cf. sobre a cultura dos pastores e o livro de Gênesis, Gunkel, 1969, p.122-145.

de Javé a Abrão (Volges, 1973, p.3-24)<sup>10</sup>: E então “disse Javé à”. Que trazendo o sentido sociológico da profecia, meditada por Peter Berger (1985.p.86-106), o clã de Abrão passa a ser agora os representantes das palavras e ordens (hebraico: *amar*) do divino Javé. Passam a ser os agentes comunitários imbuídos frente aos problemas gerados pelas cidades e a monarquia.

Assim Javé segue dizendo “Sai para ti da tua terra, da tua parentela, da tua casa paterna (e vai) para a terra que eu te farei ver”. O deus Javé neste texto é seco. Tanto é que a primeira ação utiliza a forma no *qal imperativo*, que se cuidou em traduzir por “sai”, “parte”, “deixa” (tronco hebraico: *hik*, cf. Raymann, 2002, p.54). Sobre essa forma contundente do versículo Claus Westermann (1975, p.147) e Gehard von Rad (1986, p.159) afirmam que isso era absolutamente necessário, pois só assim poder-se-ia conchamar os desajustados das cidades a seguir o projeto pastoril.

Afinal de contas o projeto de mudança era mesmo radical, era uma proposta de reviravolta no modo de vida daqueles desguarnecidos pela monarquia<sup>11</sup>. Tanto que no v.4a, Abrão parte fazendo exatamente o que Javé ordena pelo clã pastoril. Inclusive o faz com mesmo verbo (hebraico: *hik*), sendo que este está no tempo presente do modo *ativo* deste *tronco verbal*. Na versão a feita por André Chouraqui (2001.p.129), dá a idéia de que os desajustados teriam de sair para seu próprio bem. Tinham de desprezar primeiro o grande problema da terra enquanto local habitacional (hebraico: *aretz*). A mudança deles tinha que começar largando o sistema corrupto dos monarcas, rentabilizado nas próprias propriedades das cidades. Abrão, nesse caso era o arquétipo a ser seguido pelos moradores desvanecidos<sup>12</sup>, tanto que na medida em que teriam de sair da sua propriedade, também tinham que sair da sua parentela, da sua casa paterna, pois para que o

---

<sup>10</sup> Além disso, o século 9° já deveria ter sido palco das palavras proféticas esboçadas por Elias e Eliseu, cf. Sicre Diaz, 1996, p.238-241. Então, a profecia teria servido para apresentação do patriarca Abrão.

<sup>11</sup> Pensa-se que o texto não dá o direito de idealizar hoje Abrão como um homem de fé, pensamento por demais cristão para eles. A mudança de vida aqui é mais profunda e justifica-se somente na mudança de seu sistema produtivo, cf. Mesters, 1986, p.48-66 e De Graaf, 1991, p.75-79.

<sup>12</sup> Esses moradores discriminados nas cidades nada mais são os endividados nas cidades que servem aos credores como escravos. Por eles deve ter surgido no 9° século o Código da Aliança, cf. Crusemann, 2002, p.234-334.

projeto seminômade viesse à tona, toda essa podridão tinha que ser largada entre os muros das cidades.

Por fim, Javé nas últimas palavras da narrativa do v.1, se radicaliza à ordem (Vogels, 2000, p.58). Dizendo que os descontentes a quem se fala da retirada da terra, tinham que ir para a terra que “eu te farei ver”. Uma proposta seminômade, pois a partir de retirada das cidades, às terras que eles virem, terão-nas. Milton Schwantes (2001, p.92) contribui num estudo sobre a tradição de Gênesis 13 argumentando que esse projeto da “terra que te farei ver” é o projeto do acampamento, um projeto de armar suas tendas como faziam os seminômades. Ao todo, a frase tem austeridade no abandono da constituição citadina, como ao mesmo tempo, promete-se pastos e planícies para que habitassem, que fincassem suas estacas e levantassem suas tendas.

Já no v.4a, Abrão é o agente. Se no v.1 Javé é quem manda agora, Abrão é quem faz. Assim, sem maior constrangimento, ele parte abandonando todos os seus vínculos com a cidade. Desde a propriedade, a casa de seu pai, até a casa de sua parentela. Ele então, converte-se seguindo a religião de Javé, Deus dos desguarnecidos das cidades, Deus dos pastores, e que no v.1 e 4a fala propriamente como Deus Solar, como um divino guia das andanças do Oriente Antigo (Vogels, 2000, p.59-65)<sup>13</sup>. Então, Javé aqui, durante a formação das cidades tinha um semblante de um Deus Sol. A quem Abrão só poderia aceitar, conforme narra o v.4a como “lho ordenara Javé”. De verdade, segundo o v.4a Abrão seguiu as indicações de Javé no v.1, levando consigo Lot, a peregrinar com ele pelo menos até o capítulo 13.

Por fim, se esses dois versículos são contemporâneos, sem dúvida formam uma mensagem especial dos seminômades para os desguarnecidos nas cidades. Porque mesmo que o projeto de vida pastoril não fosse tão atrativo para os assentados das cidades, ao fim do discurso os seminômades sob codinome Abrão prometem para ao que largasse as propriedades, terras e mais terras ao seu dispor. Que era o maior desejo dos cidadãos endividados e marginalizados. Coisa que só a vida pastoril poderia lhes dar, pois se as cidades lhes davam casas, ao mesmo tempo, enclausuravam pessoas aos desejos das monarquias corruptas. Lindas palavras para conversão dos ci-

---

<sup>13</sup> Essa idéia foi reconhecida quando se teve acesso a algumas narrativas dos povos pastoris, em parte encontrada em Eliade, 1993, p..211-267.

tadinos feitos à medida dos problemas da sua época, palavras e memórias de insubordinados (Halbwachs, 1997).

## **7. A SAUDAÇÃO AO IMPÉRIO (V.2-3)**

Da narrativa passamos a poesia refinada do v.2, e do v.3. Como já se indicou antes, esses versos foram tão bem, mas tão bem trabalhados, que provavelmente se estaria próximo ao movimento redacional do Pentateuco na chegada dos exilados na Judéia, como mesmo os dispares Milton Schwantes (2001, p.85) e Ehard Blum (1984, p.349-359) afirmam<sup>14</sup>. Tempo das promessas bíblicas, que Frank Crusemann (2003, p.34-35), Roemer (1991, p189-191) e Nocquet (1997, p.35-53) tomam o partido dos exilados no pós-exílio chamando-as simplesmente de bênção.

Para que todos possam entender a tensão geratriz dos verbos, decorreu da chegada desses exilados que vinham para ocupar as poucas e pobres terras do território palestino. Para denunciar a chegada às tribos, alguns judeus palestinos, que no passado teriam servido de mão de obra na Babilônia, formam cantoneiros populares relatando tal evento. O detalhe é que deve ter sido apenas aparente o engrandecimento aos que retornavam. Pois, no meio das rimas, esses cantores (anciãos) indicam as tribos e vilas, que gente era que chegava a sua terra. O canto devia ser explicativo, indo do povo da terra para povo da terra. Uma linda melodia cantada que mais tarde, teria virado poesia, e posteriormente texto bíblico.

Vemos o poema como duas estrofes. A primeira com quatro versos, com três deles na seqüência e o último fechando a estrofe, e a segunda estrofe com três versos, sendo que dois versos em antítese, apontando para o último que finaliza a estrofe do poema. Forma que foi indicada aqui desde a tradução do texto bíblico, e que no que se confere não permitiria qualquer retirada de parte alguma, pois se assim o ocorresse, o texto não seria uma parte.

Nesse sentido, o primeiro verso já se indica aos povos da terra quem eram tais estrangeiros e quem eles estariam representando. Um ótimo verso introdutório. Os anciãos cantadores, acostumados ao salmodiar, cantarolam de

---

<sup>14</sup> *Colocou-se esses dois autores juntos, a fim de se mostrar que mesmo diante de suas diferentes proposições sobre o Pentateuco, nesse ponto concordam entre si.*

início, o terço: “Farei-te para grande nação”. Contraindo-se o verbo “fazer” no *qal imperfeito* na primeira pessoa do singular, junto ao pronome pessoal da segunda pessoa do singular “tu”, parte completa com para “grande nação”. Em especial no verso há de se destacar o termo “grande nação”. Termo que não é ligado a povo, nação com vínculos familiares (hebraico: ‘*am*), mas sim, segundo Mercedes Brancher (2001, p.45) e Gesenius (1949, p.211) essa grande nação advém de *goi* que também significa “povo”, “nação”, mas sempre denotando “estrangeiros”, “outros povos”, “estados” e até “impérios”. Se a tradução segue dessa forma, logo no início os anciãos dizem a quem os estrangeiros serviam no retorno ao território palestino.

Eles faziam-se (verbo:‘*xh*) na palestina a fim dos desejos imperiais, para tal grande nação. Respondiam a desejo imperial persa ao retornarem as suas antigas terras para representá-los (Bruchner, 2001). Já no primeiro verso, assume-se que essa gente fosse representante do reinado, e no segundo verso, se alude ao ato do rei para com eles. Essa gente será abençoada, como diz o verso “te abençoarei”, com o verbo “abençoar” e (ou) “bendizer” (Gesenius, 1950, p.345). Nesse sentido, interessante dizer que “abençoar” e “bendizer” são verbos que se vinculam ao ato imperial dos reinados, quando pessoas se ajoelham solenemente diante dos reis e recebem sua batuta. Portanto, se então, no primeiro verso se disse que eles se faziam para a grande nação estrangeira (o império persa), agora se afirma que tem aval do próprio reinante. São representantes do rei. Não só do estado. Os cantadores deveriam estar se referindo ao decreto do rei Ciro, relatado em Esdras e em Neemias (Brueggemann e Wolff, 1986, p.35-68), que dá direito aos estrangeiros a retornarem para a Judéia.

Na continuação, no terceiro verso, afirmam que “e farei grande o teu nome” verso que traz o tronco *gfl* (no *piel imperfeito* traduzido como “fazer”) dando idéia de “educar e criar filhos” (Killp, 2002, p.38). Os poetas dizem que não simplesmente foram feitos, mas que haviam sido educados e criados como filhos do império. Eles são representantes legais, e o são, não só pelo decreto a eles aferido pelo rei, mas porque foram criados e educados para isso. Com o decreto de Ciro nas mãos, representam à chancela do rei e seriam criados na região com grande nome, isto é, como líderes do império na Judéia. Um problema sério para a região que há muito tempo não tinha nenhuma liderança. Informação que deveria cair como uma bomba para os clãs de Judá. Mas ainda não terminou, fecha-se a estrofe com o mais importante verso “Tornas-te tu uma bênção!” Nele articulam-se os três versos

anteriores, completando-os. Além disso, com ele liga-se a primeira estrofe com a segunda. E, especialmente, nessa rima se diz o que o povo pensa numa chegada. Para eles os estrangeiros ainda não são uma bênção.

Podem até estar em vias, mas tinham ainda de caminhar muito para que isso ocorresse. Daí a idéia do verso de “torna-se”, “ser”, “estar” (hebraico: *hyh*)<sup>15</sup>. Verbo que mostra algo em construção, algo que há de ser (Gesenius, 1950). Mas não é. Para que eles sejam uma bênção, vão ter que se tornar, vão ter que aprender na terra e a conviver (Brueggemann e Wolff, 1986, p.35-68). Então, ao fim da primeira estrofe pode-se dizer que esses cantores experientes sabiam da finalidade desses estrangeiros.

Sabiam do relacionamento com o novo império, admitindo que fossem representantes da nação e do imperador. Mas mesmo assim, eles na terra da Judéia, junto com as tribos e clãs que lá habitavam, teriam de se tornar bênçãos. Nesse sentido, essa estrofe aparenta ser uma bela saudação aos dominadores. Muito geniosa, pois nela delimita-se que o grupo chegou à terra em nome de quem o vinha, e que eles teriam ainda de se submeter e dialogar com o grupo que estava na região. Teriam sobretudo, de se tornar “uma bênção”! Pois ainda não o eram.

Os cantadores dizem na segunda estrofe o que eles teriam que fazer para que se tornassem “bênçãos”. Para isso, esses servos da pobreza mudam da segunda pessoa do singular (“tu”) para a primeira pessoa do singular, eu (Brodie, 2001, p.217-227). Os anciãos cantadores dizem de forma teológica como seria o comportamento deles e do povo da terra para com os estrangeiros. Queriam explicar como as pessoas das tribos deveriam lidar com esses dominadores, e como os membros dos povos da terra, deveriam tratá-los. Essa embolada vem em boa hora, porque após dizer quem eles eram, delimitam como deveriam ser as coisas na terra palestina a partir daí. Afinal de contas, tais anciãos cantores tinham experiência pelas viagens periódicas de plantio que haviam feito no passado. Por isso eram os mais aptos a ensinar como se deveria com os mal feitores do império. Então, para eles dever-se-ia abençoar aqueles que te abençoaram. E só tratar mal, aqueles que os amaldiçoam, conforme dizem “E os que te humilham os amaldiçoarei”.

---

<sup>15</sup> O tronco verbal utilizado aqui antes de ser traduzido por ser, estar tem valor de processo de construção tornar-se, típico do hebraísmo, cf. Raymann, 2002, p.53.

Seguem a mesma lógica que fora consagrada no fim do oráculo da mula de Balaão “Bendito seja aquele que te abençoar, e maldito aquele que te amaldiçoar!” (Bíblia de Jerusalém, 2002, p.239). Acreditamos que essas órbitas não respondam a nenhuma teologia retribuísta dos séculos posteriores dos sacerdotes do Segundo Templo (Gese, 1991, p.29-51)<sup>16</sup> mas sim, responderiam ser as teologias elaboradas tendo como base, a lei de talião. Com isso, os anciãos admoestavam aos povos da terra que a qualquer deslize dos estrangeiros, dever-se-ia repreendê-los e combatê-los.

Maldizendo, os cantadores avisavam quais eram os limites para que se tornassem “uma bênção”, e para que se vivesse bem na Judéia, tivesse de “abençoar” e que se tratasse bem o povo local. Enfim, fechando o poema de forma singular, os cantadores vão ao ponto dizendo “serão benditas em ti todas as famílias da terra”. Explicamos que a chegada deles e tudo que fizerem na terra, não são para eles, mas para “todas as famílias da terra”. Um vocábulo interessante, pois essa terra daqui não é igual às terras do v.1, as tais “propriedades”, ou “terras”, no hebraico: *‘aretz*. A terra das famílias que hão de ser abençoadas, é sim aquela da terra cultivável. Não uma propriedade enquanto local habitável como normalmente se defende, mas antes aquela terra que tudo se planta e tudo dá. É a mesma terra que teria brotado o primeiro ser humano (Gottwald, 1988, p.112-163), o Adão<sup>17</sup> (hebraico: *‘adam*). Uma terra tão boa, que na palestina não existia. Terra típica dos locais em volta dos rios Tigre e o Eufrates, fruto do processo milenar de expansão do basalto da região norte asiática, da Rússia.

Essa terra boa e fértil que rodeava os palácios babilônicos e que tinha coloração avermelhada como o basalto, barro, que no hebraico chamou-a de *adamah*. São as “terras” (o local) em que agora os persas dominavam todo seu protetorado imperial. São essas as “famílias” e instituições abençoadas pela vinda dos estrangeiros para a pobre palestina. Não simplesmente como

---

<sup>16</sup> *Esse é um dos argumentos dados por Ehard Blum (1984, p.348-359), Jean Louis Ska (2003, p.103-105) e por D. Carr (1996, p.183-193) para que pensem Gênesis 12,1-4a não como um dos textos de origem javista, mas por conta dessa suposta retribuição expressa "quero abençoar aqueles que te abençoaram. E os que te humilham os amaldiçoarei", o texto seria de sacerdotes (sacerdotal).*

<sup>17</sup> *Vale lembrar o caráter regulador negativo de alguns textos quando se referem a Adam, pensa-se que isso deve ter ocorrido por conta de Adam ser uma tradição vinda da terra Babilônica, para a Judéia. Da mesma forma se pensa na tradição da terra adamah como uma terra estrangeira babilônica.*

usualmente se interpreta que fossem “todas das famílias da Terra”, no sentido universal do termo (Schwantes, 1986, p.45-50; Crusemann, 2003, p.33-53). Mas sim, os abençoados com aquela situação de migração era a administração do reinado persa, localizada estrategicamente nos antigos palácios babilônicos.

Esses estrangeiros vinham para abençoar o império e serem o braço direito do imperador persa na Judéia. Só poderiam descrevê-los de forma centrada, os que eram “abençoados” e “benditos” pela migração, os que teriam trabalhado na região babilônica na lida e na plantação dessa terra tão fértil. Esses anciãos e poetas do pós-exílio, devem ter passado algumas primaveras plantando e quiçá alguns outonos colhendo por aquela região. Teriam-no feito na forma de trabalho temporário típico da articulação imperial babilônica, como se faz hoje com os nordestinos em todo o Brasil. Podemos dizer que se poetizou a fim de informar de forma sorrateira, que contingência estaria chegando à terra palestina, e qual deveria ser o procedimento de todos os irmãos dos clãs para com eles. Uma mensagem nas entrelinhas justificável pela repreensão imperial aos movimentos de esquerda como o eram.

## **8. O ESQUEMA REDACIONAL**

Alguns fatores devem ter levado esses poetas remanescentes a anexar junto às antigas narrativas do início do reinado, as promessas descritas dos estrangeiros, braço forte do império persa na Judéia. Se os v.2 e 3 de fato mostram a descrição de um povo nervoso e desesperado com a chegada de estrangeiros equipados, com mais riquezas, e com o aval do império. Então o efeito da redação dos v.1 e 4a ganham atrativos díspares em relação àquilo que teria gerado (no seu momento vivencial inicial). Sobre tais resignificações indicamos que cada leitura é geratriz de outro significado, que por vezes não tem muito em comum com a idéia inicial, porque sobretudo o sujeito histórico teria sido mudado. Então, para os donos da pericope, povo exilado na sua própria terra, a identificação junto a figura de Abrão era negativa, pois ele era reconhecido pelos judeus palestinos como:

- Em Gênesis 13 ele era um rico migrante, inverso daquilo que eles o eram (Schwantes, 2001, p.84);
- Em Gênesis 23 era um príncipe estrangeiro a fim de comprar terras para enterrar sua mulher (Brancher, 1996); os judeus palestinos não o precisavam fazer, pois eram donos da terra desde a invasão Babilônica;

- Por fim, sua memória deve ter castrado a memória das mulheres prováveis líderes tribais no exílio (Ribeiro, 2003, p.40-48). Bloquear tal memória era o mesmo que combater parte do tribalismo dos judeus remanescentes;

Se esses elementos forem concretos, indicamos que dificilmente a memória de Abrão tivesse alguma identificação com a tradição dos remanescentes judeus palestinos, mas sim, poderia ser uma tipologia reduzida aos membros estrangeiros (da *golah*) conforme mesmo o Deutero-Isaías num texto profético do exílio afirma: “Olhai para Abraão, vosso pai, e para Sara, aquela que vos deu a luz.” (2Isaías 51,2a). Sem dúvida fora uma tipologia feita pelo povo da palestina para poder tratar na “surdina” dos temas e problemas do pós-exílio. Sem que os estrangeiros se reconhecessem na descrição. Assim, colocar as ditas promessas de Javé, dos v.2 e 3, junto às narrativas de Abrão, na promessa tribal do v.1 e no itinerário do v.4a deve ter consolidado como crítica e a denuncia aos problemas acarretados pela chegada de outro povo na Judéia. Isso porque, se na promessa em poema dos v.2-3 se descreveu quem eram os estrangeiros, em nome de quem eles vinham, e como trata-los; em conjunto com o v.1 e 4a Javé manda Abrão (leia os estrangeiros) sai, a partir do local em que eles estariam indo para o local que ele iria designar.

O apelo dos povos da terra era para que saíssem de lá, pois os estrangeiros serviam como braço interventor persa. Essa proposta pode ser medida ao nível da redação segundo o breve esquema palíndromo da perícope:

**A – Promessa em prosa: Javé manda Abrão sai (v.1)**

**B – Promessa em poesia: Sejam uma bênção! (v.2-3)**

**A' – Itinerário em prosa: Abrão sai como Javé mandou (v.4a)**

Se esse foi processo formativo de tal perícope percebe-se que o nome de Abrão é vinculado sim, somente às partes externas (A/A'), sendo admoestado e que saísse das propriedades dos homens do pós-exílio. Para isso ele iria sair para onde Javé lhe mostrara sem qualquer qualificativo para onde deveria ir. Javé, pessoalmente, como na época dos profetas clássicos, mandará que eles saiam das terras. E, no centro da perícope (B), que não leva o nome de Abrão nem tão pouco de Javé, os anciãos da terra palestina descrevem de forma elegante como seria a dominação e como o povo da terra deveria tratá-los a partir da sua entrada no território Judeu. Um belo aviso cantado.

## 9. GÊNESIS 12,1-4A NA AMÉRICA LATINA

Entre as muitas palavras e suas eventuais mensagens, um ponto realmente nos interessa. Se todo esse estudo tiver seu valor, a denúncia, a contestação e a descrição dos inimigos foram muito bem pleiteadas pelos poetas javistas dos povos da terra. Tanto que mesmo nos anos seguintes quando os membros estrangeiros (a *golah*) leram tal perícopo, não souberam identificar seu conteúdo contestador. Vai ver seja por isso, que durante a redação final sacerdotal do Pentateuco não se tenha mudado muito desse texto javista, chegando a ser distribuído por várias partes do Pentateuco (Roemer, 2001, p.179-211). Mas de verdade, o aparente elogio e engrandecimento a esses estrangeiros, fizeram com que mais tarde acrescentassem partes de seus textos (textos sacerdotais), como por exemplo, os são os v.4b-6. Essa perícopo ganhou tal status entre os povos da terra e os membros da *golah*, por sua beleza estética e temática que se localizou no início das sagas do patriarca Abrão.

Que na América Latina cada vez mais venha a aprender com o povo bíblico a descrever, meditar e analisar nossos inimigos. Sem que eles e os demais povos compreendam o que fazemos. Isso tem valor principalmente no trato da política externa de nossos países, pois só assim se pode conhecer melhor com quem se está lidando, para que se saiba pleitear melhores acordos e transações internacionais. Então, cabe a dica dessa meditação, elogiar (ao menos aparentemente) por momentos é preciso! Tratar bem, e dizer se está satisfeito também. Essa pode ser uma forma de conhecer e de reconhecer para futuramente se resistir aos inimigos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, Peter. "Carisma e Inovação Religiosa – a localização social da profecia israelita", In: V.V.A.A., *Profetismo: coletânea de Estudos*, São Leopoldo, Sinodal, 1985, p. 86-106.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM: nova versão revista e corrigida, São Paulo, Paulus, 2002, 2206p.
- BLUM, Ehard. *Die Komposition der Vätergeschichte*, Neukirchen/ Vluyn, Neukirchener, 1984, 587p.
- BRUEGGEMANN, Walter & WOLFF, Hans Walter. *O Dinamismo das Tradições do Antigo Testamento*, São Paulo, Paulinas, 1984, 204p.

- BRANCHER, Mercedes. "O povo da terra em Gênesis 23", In.: *Revista Estudos Bíblicos*, n° 43, Petrópolis, Vozes, 1996, p.81-103.
- BRENNER, Atalíha. *Gênesis: a partir da leitura de gênero*, São Paulo, Paulinas, 2000, 452p.
- BRODIE, L. *Gênesis as dialogue: a literary, historical and theological commentary*, Oxford, 2001.
- BRUCKNER, J.K. "Implied law in the Abraham narrative: a literary and theological analysis", In.: *Journal of Study of the Old Testament Supplements*, v.35, 2003, p.112-134.
- CARR, D. *Reading Fractures of Gênesis: historical and literary Approaches*, Louisville, KY, 1996, p. 183-193.
- CHOURAQUI, André. *No princípio*, São Paulo, Imago, 2001, p.129-133.
- CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa. Uma Introdução a fenomenologia da Religião*, São Paulo, Paulinas, 2002, 527p.
- CROATTO, José Severino. *Exilio y sobrevivencia. Mitos contraculturales en el Pentateuco*, Comentario de Gênesis 4:1-12:9, Buenos Aires, Lumen, 1997, p.420-440.
- CRUSEMANN, Frank. "Abraão e os moradores da terra", In.: *Revista Caminhos*, v.1, n.1, Goiânia, UCG, 2003, p. 779-90.
- CRUSEMANN, Frank. *A Tora. Teologia e história social da lei do Antigo Testamento*, Petrópolis, Vozes, 2002, 600p.

**Fabio Py Murta de Almeida**

Mestre em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), membro da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB), e colaborador da Bibliografia Bíblica Latino Americana (BBLA).